

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO			CÓDIGO DA FICHA					
			SP	14	--	2012	F40	15
			UF	SÍTIO-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Quilombo Praia Grande
LOCALIDADE	Quilombo Praia Grande
MUNICÍPIO / UF	Iporanga/SP

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Literatura Oral		
OUTRAS DENOMINAÇÕES			
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO	☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA

3. EXECUTANTE

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER ANEXO 4: CONTATOS.

NOME	Antônio Donizete Ribeiro		☒ MASCULINO	
			☐ FEMININO	
OCUPAÇÃO	Lavrador e serviços gerais	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	11/12/1959 (data real) 13/07/1960 (documento)	
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ APRENDIZ ☐ OUTRO _____		☐ PRODUTOR ☐ VENDEDOR ☒ PÚBLICO ☒ EXECUTANTE	

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

SP

14

--

2012

F40

15

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

O levantamento das referências culturais quilombolas registrou e reuniu narrativas dos 16 quilombos participantes do projeto. Associada às narrativas está a prática de contar histórias, tendo como veículo a palavra falada. A introdução das escolas nos bairros rurais onde estão localizados os quilombos se deu em momentos distintos do desenvolvimento dos municípios, conforme foram sendo construídos os acessos às localidades mais isoladas. Em comunidades mais afastadas, só agora a alfabetização está em curso efetivamente, de modo que, nesses locais, os adultos tem muito pouca relação com o mundo da escrita. Seus conhecimentos foram adquiridos por meio da transmissão oral do saber acumulado dos mais velhos e pela experiência.

A oralidade característica das comunidades tradicionais é um importante vetor de transmissão de saberes e valores compartilhados, e por meio dela são estabelecidas as normas de conduta aceitas socialmente. Isto se aplica ao conjunto de narrativas recolhidas nos quilombos do Vale do Ribeira. São histórias que percorrem o tempo e o espaço, se proliferam em diferentes versões e se atualizam em toda parte.

As narrativas assumem função lúdica e educativa, atuando na formação moral dos indivíduos. Nelas encontram-se exemplos do que é certo e errado, e o que pode acontecer com aquele que não age adequadamente. Os contextos de enunciação destas histórias são vários. Em situações de encontro comunitário para uma atividade agrícola ou religiosa, em festas, ou simplesmente no âmbito familiar, no espaço doméstico. "Ouvia os mais velhos contar as histórias no pé do fogo, quando tinha baile ou Romaria. Eles faziam desafio pra contar história. Ela faz parte de diversão e faz parte da educação, a gente pode concluir as coisas certas e erradas do causos" (Antonio Donizete Ribeiro ou Antônio Paixão, 51 anos, Praia Grande, 2011).

As narrativas podem ser "causos reais", de fatos ocorridos com parentes, compadres e conhecidos, narrativas míticas que resultam de representações do imaginário local e abordam temas que envolvem criaturas e fenômenos sobrenaturais. Muitas vezes, causo e mito se confundem, impregnando os causos de mistérios e aproximando os mitos da realidade das pessoas. Há também narrativas que se aproximam das fábulas, quando os animais são personagens principais e possuem atributos humanos.

Negrinho d'água, boi-tatá, corpo-seco, saci, capora, curupira, mãe de ouro, boi d'água, mula-sem-cabeça, lobisomem, bruxa. Alguns destes seres são identificados como representações do diabo, são maléficos e possuem poderes mágicos, oferecendo perigo àqueles que com eles se deparam. É comum associar a aparição deste seres no período da quaresma.

Outras explicações para a concentração de ocorrências com visages e assombrações na quaresma referem-se ao fato de, neste período, algumas pessoas desrespeitarem as regras religiosas do período da quaresma, como restrições alimentares e determinadas práticas, aproximando esses seres maléficos dos infratores.

As falas dos mais velhos enfatizam a importância das histórias, da transmissão e a percepção de que o interesse dos mais jovens por este tipo de narrativa está diminuindo.

"As histórias tem que ser passada, pra saber contar alguma coisa. É importante pra alertar as pessoas porque tem perigos. As pessoas tem que saber que tem coisa que não pode abusar (Antonio Donizete Ribeiro ou Antônio Paixão, 51 anos, Praia Grande, 2011).

A seguir histórias coletadas em Praia Grande:

Negrinho ou Neguinho D'água

As entrevistas revelaram que as histórias sobre o Negrinho d'água abordam o perigo que os rios oferecem para crianças e canoeiros. As histórias alertam e impõem restrições às atividades nos rios. Não raro, as histórias são narradas para crianças que tencionam brincar na água e estão associadas aos acidentes de canoeiros quando passam por locais encachoeirados do rio ribeira e outros rios navegáveis da região. É possível que, pela descrição física que os quilombola apresentaram do Negrinho d'água, a história seja uma corruptela do mito do Negrinho do Pastoreio, personagem conhecido na mitologia do sul do país. O Negrinho do Pastoreio era um menino negro, escravo, que foi violentamente açoitado e, por milagre, seu espírito retornou, montado a cavalo e é visto eventualmente. Outro mito que possivelmente pertence a este conjunto é do Caboclo D'água, que oferece os mesmos tipos de perigo para os canoeiros da região de Minas Gerais, sabidamente para os canoeiros da etnia krenak.

"O Negrinho d'água é um molequinho bem pretinho do cabelo bem solto, cabelo liso. Ele aparece quando dá revolução de tempo, quando muda o tempo pra chover. O Negrinho sai pra cestar, pula n'água, salta em cima da pedra, pula na água outra vez, brincando. Eu não vi, mas minha mãe sempre contava.

O pai da minha mãe ia de canoa, tava descendo na boca da noite, o Negrinho pegou com a mão na borda da canoa. Ele deu com o remo e o Negrinho soltou da canoa. No funil quem viu foi meu cunhado Gabriel, ele tava pescando. Lá,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**SP 14 -- 2012 F40 15**

quando tá baixo, é revessa, e os peixes ficam por ali. Ele viu o Negrinho em cima da pedra. Tem história contadas que é duro de interpretar. Dizem que é um bicho, que não pode judiar dele.

Conta a história de um homem que era muito bem de vida, era rico. E tinha umas meninas dele que ficavam lavando roupa no rio Ribeira. Aí o Negrinho chegava e ficava fazendo morisqueta. Aí elas contaram pro pai e ele disse que ia passar fogo nele. E fez isso. Mas só que depois disso, a riqueza foi embora, foi caindo, caindo e ficou na base da esmola. A turma acha que o bicho não pode ser destruído.

Ele surgiu da água, ninguém pesquisou sobre ele. Ele vive de peixe. Tem vários Negrinhos d'água no ribeira, mas com essa inchenterada que deu, a gente nem escuta falar mais dos bichinhos. Diz que ele pega em canoa, mas não deu tempo dele virar a canoa. Eu nunca vi e não quero ver" (Antonio Donizete Ribeiro, ou "Antônio Paixão", 52 anos, Praia Grande, 2011).

Boi D'água

Personagens mencionados em histórias contadas em duas comunidades localizadas às margens do Rio Ribeira. Boi ou cavalo d'água são seres aquáticos e quando aparecem na terra, sempre em locais próximos da água, podem ser nocivos para os humanos. Compartilham com os Negrinhos d'água a capacidade de viverem submersos no rio, fundindo a classificação naturalista entre seres terrestres e aquáticos.

"Boi dágua minha mulher viu pra cima do funil. Eles eram criança, e tavam pescando na beira do rio. De repente aquele boizão subindo por dentro da água. Ele é um bicho animal mesmo. Ele é um Boi D'água, ele não pode ficar fora d'água, se ele ficar fora, ele morre. Se alguém pega um desses, fica milionário. Ainda existe no Ribeira. Nos lugar que é fundo ele fica. Ele deve ter barbatana iguá peixe (Antonio Donizete Ribeiro, ou "Antônio Paixão", 52 anos, Praia Grande, 2011).

Boitatá

Há versões distintas de histórias de Boitatá e às vezes elas se aproximam das narrativas sobre o Corpo Seco. Boitatá são seres sobrenaturais que aparecem na qualidade de um fogo muito perigoso. Não foi mencionada aparição na forma de uma cobra de fogo, como se costuma representar nas coletâneas folcloristas. Contam os quilombolas que uma pessoa se torna Boitatá apenas depois da morte e somente aquela que subverteu o tabu do incesto, desrespeitando a proibição de práticas sexuais entre pais e filhas, mães e filhos, compadres e comadres. Em versões mais brandas, torna-se boitatá o filho que desrespeita ou não obedece a mãe. O conhecimento difundido sobre o mito do boitatá nos estudos folcloristas da mitologia brasileira é que a palavra deriva do tupi guarani, boi: cobra e tatá: fogo, e que se trata de uma interpretação do fenômeno do fogo fátuo.

Na interpretação dada pelos quilombolas, a história aparece como forma de atualizar as regras de convívio social, ditando as práticas sexuais permitidas e proibidas dentro da comunidade.

"Eu já vi. Eu com compadre Gabriel, ele sempre aparece nas quartas e sextas-feiras, lá onde é a fazenda de Gulu [prefeito atual de Iporanga] hoje. Nós estávamos no terreiro e vimos aquele toirão de fogo feio e esquisito saindo do chão subindo na árvore, era de noite. Ai meu cunhado gritou: "Olha o maçarico aí". É um pecado grave, compadre e comadre que não se respeita, família que não se respeita, os dois viram Boitatá depois da morte. A alma não vai pro céu, fica vagando. Se a pessoa não estiver apegado com Deus e não tiver com um fósforo, aquele luzão pra cima da gente pode matar alguém, o susto. São espíritos ruins.

Não existe mais o Boitatá porque onde queima ele não pára, ele fica no mato" (Antonio Donizete Ribeiro, ou "Antônio Paixão", 52 anos, Praia Grande, 2011).

Corpo-Seco

A história do corpo seco foi registrada em 3 quilombos de Iporanga e um quilombo de Eldorado, em versões diferentes. Em uma das versões, se torna corpo seco a pessoa que cometeu incesto. Depois de morrer, o corpo dessa pessoa seca e se contorce, mas não se decompõe como os corpos dos mortos normais. Fica semelhante a um tronco ou galho de árvore seco. Não é perigoso, mas deve-se trocá-lo de lugar se for visto ou tocado por alguém. Nas outras versões, se torna corpo seco aquele que maltratou ou desobedeceu a mãe. Tornar-se corpo seco pode ser uma praga rogada pela mãe num momento de fúria. A história remete à necessidade dos filhos respeitarem suas mães, punindo aqueles que não têm uma prática adequada.

"Corpo seco ouvi falar que aí no cemitério de Iporanga tinha um. É outra sina terrível. O cara é enterrado e vira corpo seco. É filho que bate no pai ou na mãe, na madrinha ou no padrinho. Ele seca e fica o osso com couro em cima. Do corpo dele não sai, um caveirão. Ele não tem possibilidade de derreter na terra (Antonio Donizete Ribeiro, ou "Antônio Paixão", 52 anos, Praia Grande, 2011).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**SP 14 -- 2012 F40 15****Mãe d'Água**

Registrado no quilombo Praia Grande, nas margens do Rio Ribeira. Mãe D'água é uma personagem bastante difundida em diversas versões de narrativas em todo o país.

"A mãe d'água é a coisa mais perigosa que tem, eu não gosto. Cada vez que a gente vê uma mãe d'água, se ela sai da água e vai pra terra, é bom. Se ela não sair, e afundar na água fica esperto, que alguém vai morrer na água. A mãe d'água que eu conheço é invisível, ela sai fazendo onda na flor d'água, mas ela é invisível, não enxerga. Eu não sei o que ela é, se é espírito ou coisa da natureza (Antonio Donizete Ribeiro, ou "Antônio Paixão", 52 anos, Praia Grande, 2011).

Mãe de Ouro

São comuns referências à Mãe de Ouro em regiões de mineração. Há versões narrativas sobre esta personagem em todo o país. No Vale do Ribeira, histórias de tesouros enterrados são bastante comuns. Há versões em que mãe de ouro aparece como um brilho amarelo dentro da água e versões nas quais a mãe de ouro aparece na forma de uma estrela cadente, também de forte brilho amarelo, que indica locais onde há ouro na terra. A Mãe de Ouro das águas pode ser perigosa, pode atrair as pessoas para o fundo do rio. A estrela geralmente é vista como sinal de sorte. Entretanto, se a pessoa resolve ir ao encontro do ouro no local apontado por ela, corre o risco de se perder.

"Mãe de Ouro, a gente tem visto muito. Coisa mais linda é aquilo. Mas a gente não tem sorte pra pegar nenhuma. Existe simpatia, mas não dá tempo de pegar, ela é muito rápida. Tem maneira de fazer ela cair. Eu fiz uma cair, mas não consegui ir lá. Antes dela sumir tem que cuspir 3 vezes e fazer o sinal da cruz 3 vezes. E se alguém chega lá onde ela caiu, é ouro puro.

Naquele tempo o meu sogro tinha achado uma garrafa de ouro. Mas se a gente acha ouro hoje, uns dois ou três litros que o pessoal enterrava, não adianta porque pertence ao governo. Dizem que onde tem sepultura de índio, um lugar chamado Faria, faz um barulho quando a gente pisa, diz que lá tem ouro enterrado. Lá é um lugar encantavel, pode se perder, seguir pelo caminho errado" (Antonio Donizete Ribeiro, ou "Antônio Paixão", 52 anos, Praia Grande, 2011).

Lobisomem e Bruxa

Histórias de lobisomens e bruxas são comuns em todo o Vale do Ribeira. São versões bastante particulares dos mitos encontrados em outras parte do mundo. Entre os quilombolas, lobisomem é aquele que em determinadas ocasiões transforma-se em cachorro e age de modo "selvagem", sujando-se e lambuzando-se com cinzas, comendo fezes de galinha e mordendo as pessoas. Há versões em que o lobisomem aparece de noite, outras em que pode aparecer também durante o dia. Costuma-se contar a história para crianças e adultos que possuem comportamentos inadequados, para que não sejam comparados a um lobisomem. As bruxas são mulheres que transformam-se em seres alados que ora assumem a forma de pássaros noturnos, ora são morcegos. As bruxas passam conseguem passar pelos menores vãos e fechaduras das casas onde há bebês recém-nascidos para se alimentam de seu sangue. A história da Bruxa justifica o resguardo e os cuidados extremos que os pais de recém nascidos possuem com seus bebês. Costuma-se dizer que lobisomens e bruxas aparecem em famílias que possuem 7 irmãos homens ou 7 irmãs mulheres, dos quais pelo menos um terá esta sina.

"Lobisomem acho que tem em Iporanga. É um homem que se transforma num cachorrão. Ele tem os dias certos pra se movimentar. Ele é comedor de merda de galinha. Ele não é de abusar com ele não. Se encontrar com ele, ele pode arranhar a pessoa. É uma pessoa que nasce com aquela sina. Diz que tem a ver com número de irmão. Se tiver 6 mulheres e no sétimo nascer um menino, ele é lobisomem. Eu dormia aqui sozinho, um dia passou um coisa batendo a orelha, diz que ele estrala a orelha, a cachorrada pegou e levou no fundão" (Antonio Donizete Ribeiro, ou "Antônio Paixão", 52 anos, Praia Grande, 2011).

"Bruxa é o mesmo sentido do lobisomem. Seis Homens nascem e depois uma mulher, ela é bruxa. Diz que ela chupa sangue de criança pequena. Ela é uma mulher que vira bruxa, ela cria asa e sai voando, invisível. Ela passa até pelo buraco de fechadura. E daí suga o sangue pelo umbigo da criança" (Antonio Donizete Ribeiro, ou "Antônio Paixão", 52 anos, Praia Grande, 2011).

Saci ou Saci Saperê

No Vale do Ribeira, os quilombolas também contam histórias de saci. Alguns o conhecem por saci-saperê. Nas versões coletadas, o saci pode aparecer como uma criatura extremamente maléfica, associado ao diabo que pode até matar uma pessoa, ou apenas fazendo estripulias, oferecendo perigo principalmente para crianças. Nas descrições, ele figura como um homenzinho ou um menino, preto, com uma perna só, fumando um cachimbo, cachaça na mão, e olhos vermelhos. Em algumas descrições é horripilante. As narrativas sugerem que o saci aparece principalmente para as pessoas que não cumprem suas obrigações religiosas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

SP

14

--

2012

F40

15

"Saci tem muita história por aqui. Eu já ouvi ele piar a noite. Ele é mau, mau mesmo. Se a pessoa não pedir a proteção de Deus ele desmancha a família. Ele é um espírito, é o moleque mais atrevido que existe no mundo, só tem uma perna, se tivesse duas era pior, com uma perna só ele faz estripulia. Na Praia Grande tinha e deve ter esse coisa, porque Zé Prata, um homem que veio, parente de Anália (mãe de Laurindo), ele foi caçar aí o cachorro tava correndo atrás da caça pra baixo e pra cima, mas não era. Quando foi meia noite, o bichinho [saci] deu uma surra no cachorro, surrou bem surrado" (Antonio Donizete Ribeiro, ou "Antônio Paixão", 52 anos, Praia Grande, 2011).

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS****6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS****6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE****7. TEMPO****7.1. PERIODICIDADE****7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990**

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

8. BIOGRAFIA**9. ATIVIDADE****9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	SP	14	--	2012	F40	15
--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

9.3. CRONOLOGIA	
DATA	DESCRIÇÃO

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO	
ETAPA	ATIVIDADE

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO	

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO					SP	14	--	2012	F40	15
--	--	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

DISPONIBILIDADE	
------------------------	--

10.6. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.9. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	SP	14	--	2012	F40	15
--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO /	
SIGNIFICADO	

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☐	ESPECIFICAR	
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐	NÃO ☐	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☐	
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☐	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐		

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

--

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

--

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	SP	14	--	2012	F40	15
--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS**15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS****16. OBSERVAÇÕES****16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO****16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA****16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES****17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA**

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	15		
PESQUISADOR(ES)	ANNA MARIA ANDRADE, JULIANA FERREIRA E LÁZARO DE JESUS GOMES		
SUPERVISOR	Anna Maria Andrade		
REDATOR	Anna Maria Andrade e Juliana Ferreira		DATA 05/2012
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Anna Maria Andrade		